

Capítulo 2

METODOLOGIAS DE ENSINO MAIS UTILIZADAS PELOS EDUCADORES AQUÁTICOS

RITA FONSECA PINTO E JUAN ANTONIO MORENO MURCIA

Como citar esta publicação:

Fonseca-Pinto, R., & Moreno-Murcia, J. A. (2025). Metodologias de ensino mais utilizadas pelos educadores aquáticos. Em R. Fonseca-Pinto, A. Albarracín Pérez, A. Ortiz Olivar, F. Yázigí, & J. A. Moreno-Murcia (Eds.), *Novos horizontes nas atividades aquáticas. Ciência, inovação e prática* (pp. 19-28). Sb editorial.



METODOLOGIAS DE ENSINO MAIS UTILIZADAS PELOS EDUCADORES AQUÁTICOS

RITA FONSECA PINTO E JUAN ANTONIO MORENO MURCIA

IDEIAS PRINCIPAIS

- As metodologias cognitivistas são as mais utilizadas pelos profissionais aquáticos, seguidas pelos behavioristas e construtivistas.
- Os profissionais do México são os que se percebem como tendo maior autoeficácia e são também os que mais utilizam metodologias cognitivistas.
- Algumas das principais características para gerar um ambiente favorável à aprendizagem são a brincadeira, a exploração e o tempo, o vínculo, a presença e a imitação, a socialização e a diversidade.

INTRODUÇÃO

O conteúdo das aulas de educação aquática (que inclui a natação) permite a alfabetização neste âmbito e faz parte de um conceito mais amplo conhecido como competência aquática. Para a população em idade escolar, este tipo de conteúdos pode contribuir para a redução da inatividade física e é crucial para a prevenção do afogamento. No entanto, não basta que conteúdos sejam oferecidos aos alunos, é importante considerar a forma como são apresentados, tendo em conta os benefícios tanto para o professor como para o aluno.

Neste recurso, vamos centrar-nos no professor, considerando-o como um elemento determinante no processo de aprendizagem e seus efeitos. A sua percepção de autoeficácia é uma referência do quanto nos sentimos capazes, da nossa autoimagem, autoconceito e noção de competência pessoal, que influencia diretamente os pensamentos, comportamentos e emoções do profissional e, conseqüentemente, a aprendizagem dos alunos. Afeta não só o seu desempenho, mas também os comportamentos e a motivação na aula (Poulou et al., 2019; Delinger et al., 2008).

“ Os professores são responsáveis por cerca de 30% da variabilidade dos resultados da aprendizagem. O que os professores sabem, fazem e se preocupam é extremamente poderoso na equação da aprendizagem (Hattie, 2023). ”

Estes dados deram origem à pergunta: qual é a percepção de autoeficácia dos educadores aquáticos? Com este recurso, procuramos responder a esta e a outras questões, tais como: o que fazer?, para quê fazê-lo? e, mais especificamente, como fazê-lo? Estas perguntas destinam-se a ajudar os profissionais a escolher práticas que possam contribuir para uma percepção de autoeficácia mais elevada.

IMPORTÂNCIA DA INTENCIONALIDADE NO ENSINO

Aprender a nadar, numa perspetiva multidimensional, é uma necessidade social pelo seu impacto no desenvolvimento integral, pelo seu efeito preventivo e reativo contra o afogamento e pela sua capacidade de facilitar a ligação e interação com os diversos ambientes aquáticos (Fonseca-Pinto & Moreno-Murcia, 2023a). Não basta saber nadar, é essencial conhecer os ambientes aquáticos, interpretar os seus sinais e ajustar o comportamento de acordo com as exigências do contexto e da tarefa. Isto não é algo que possa ser deixado ao acaso. É da responsabilidade do educador aquático planear e proporcionar uma prática com

sentido pedagógico, social e humano, ajustada às necessidades dos alunos (características, ritmos, interesses, etc.). Neste sentido, ao planear a prática, o profissional deve ser capaz de responder às seguintes questões: o que fazer, para quê fazer, como fazer?



O que fazer? Esta questão está diretamente relacionada com o conteúdo da nossa missão: promover uma aprendizagem que permita a cada pessoa decidir se um ambiente aquático é favorável para si. Adotamos uma visão multidimensional da competência aquática (Fonseca-Pinto & Moreno-Murcia, 2023b), que defende que, embora o ser humano não nasça com a capacidade instintiva de nadar, tem

a habilidade de aprender e adaptar-se, desenvolvendo comportamentos que lhe permitem desfrutar do meio aquático (Moreno-Murcia, 2021). Para tal, é importante considerar três dimensões de conteúdos: a alfabetização aquática, a prevenção do afogamento e a educação ambiental, enquadradas em três áreas do saber: saber fazer, saber e saber ser/estar (Fonseca-Pinto & Moreno-Murcia, 2023a

Para quê fazer? Esta pergunta está relacionada com o objetivo das nossas ações e a sua utilidade. O nosso objetivo é promover uma relação positiva e competente com o meio aquático, com um forte impacto social que promova hábitos de vida saudáveis, previna o afogamento e, acima de tudo, contribua para a formação e desenvolvimento humano em interação com o meio aquático ao longo da vida (Fonseca-Pinto & Moreno-Murcia, 2023b).

Como fazer? Isto inclui metodologias de ensino, procedimentos, materiais e estratégias de ensino, que devem ser considerados ao planear as sessões e aplicados durante as mesmas.

Neste recurso, vamos centrar-nos no “como”, evidenciando as metodologias de ensino e a perceção de autoeficácia do educador aquático.

METODOLOGIAS DE ENSINO CONDUTISTAS vs CONSTRUTIVISTAS

Há muitos anos que o espetro de estilos de ensino de Muska Mosston é uma referência. Este espetro oferece uma variedade de opções entre metodologias e estratégias que os professores podem implementar de acordo com o momento de aprendizagem, o conteúdo, as características dos alunos, etc. Estas escolhas podem variar entre o apoio à autonomia do aluno e o exercício de um maior controlo (Mosston & Ashworth, 2002). As decisões do professor sobre o que e como ensinar influenciam significativamente o processo de aprendizagem do aluno e determinam se o aluno aprenderá com sucesso ou não (Shahzad & Naureen, 2017; Woolfolk, 1998).

No domínio do desporto, as evidências indicam que a metodologia utilizada na etapa de ensino influencia não só a aprendizagem técnica, tática ou física, mas também as dimensões psicológica e social do praticante

(Emmanouel et al., 1992). Especificamente no ensino das habilidades aquáticas, as características da intervenção do professor afetam tanto o desenvolvimento motor como os níveis de motivação intrínseca, os quais determinam se o aluno vai continuar ou abandonar a prática.

Neste recurso, optámos por apresentar dois tipos de metodologias que se encontram em pontos quase extremos do espetro: a metodologia condutista e a metodologia construtivista. Na figura 1, podemos ver de uma forma generalizada as diferenças entre estas metodologias.

Figura 1. Comparação entre as características da metodologia condutista e a metodologia construtivista.



O QUE A CIÊNCIA INDICA SOBRE AS METODOLOGIAS DE ENSINO E A PERCEÇÃO DE AUTO-EFICÁCIA DO PROFESSOR NO ENSINO AQUÁTICO

Dado que as metodologias de ensino são cruciais tanto para a aprendizagem como para a perceção da autoeficácia docente, nesta secção apresentamos os dados existentes sobre o educador aquático.

Os dados que apresentamos foram obtidos na investigação para a tese de doutoramento da professora Rita Fonseca-Pinto, sob a orientação do Professor Dr. Juan Antonio Moreno Murcia na Universidade Miguel Hernández de Elche. Esta investigação teve por base um questionário online de resposta voluntária e anónima a nível ibero-americano, centrado neste tema.

A amostra foi constituída por 558 educadores aquáticos adultos (com mais de 18 anos), distribuídos da seguinte forma (Figura 2). Foram utilizados os seguintes instrumentos de medida:

- Para avaliar o MAC (Metodologias de Ensino Aquático), foi utilizada a escala validada desenvolvida por Castañón-Rubio et al. (2022).

- Para analisar as metodologias de ensino mais utilizadas, adaptou-se a "Teaching-Learning Methods Scale in Physical Education" desenvolvida por Leo et al. (2020).
- Para identificar a percepção de autoeficácia dos professores, foi utilizada a versão espanhola da "Teachers' Sense of Efficacy Scale" desenvolvida por Tschannen-Moran e Woolfolk (2001).

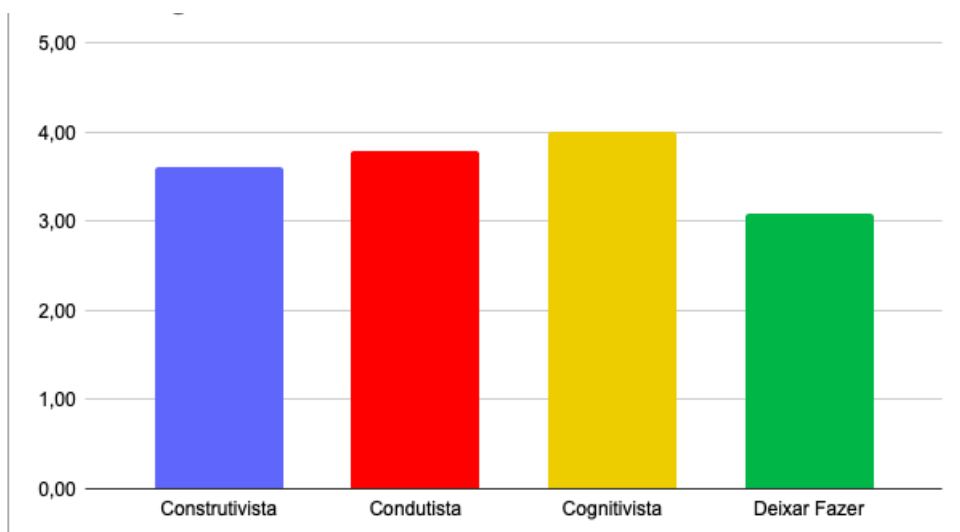
Figura 2. Distribuição da amostra pelos países ibero-americanos.



Qual é a metodologia de ensino mais utilizada pelos educadores aquáticos?

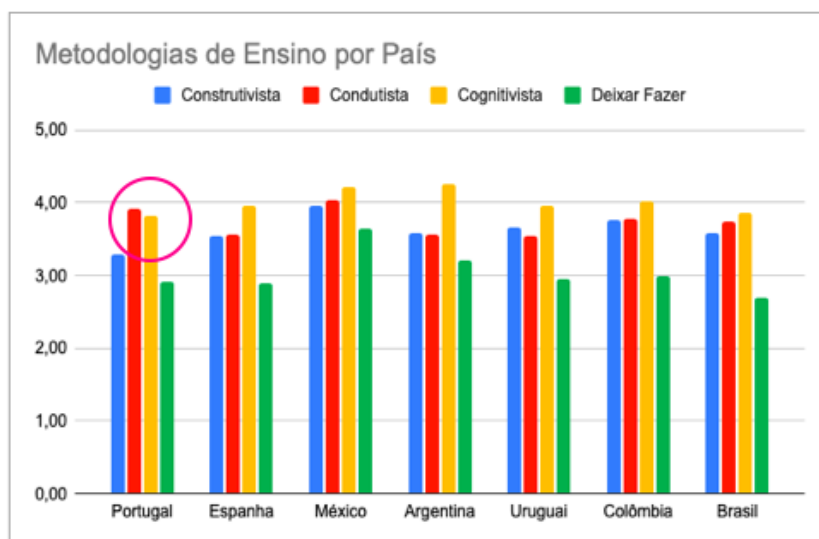
Podemos observar na Figura 3 que existe expressão em todos os tipos de metodologias, o que indica que existem profissionais que utilizam uma variedade de abordagens. No entanto, as metodologias cognitivistas destacam-se como sendo as mais utilizadas pelos profissionais aquáticos, seguidas das condutistas e construtivistas.

Figura 3. Metodologías de enseñanza más utilizada por los educadores acuáticos.



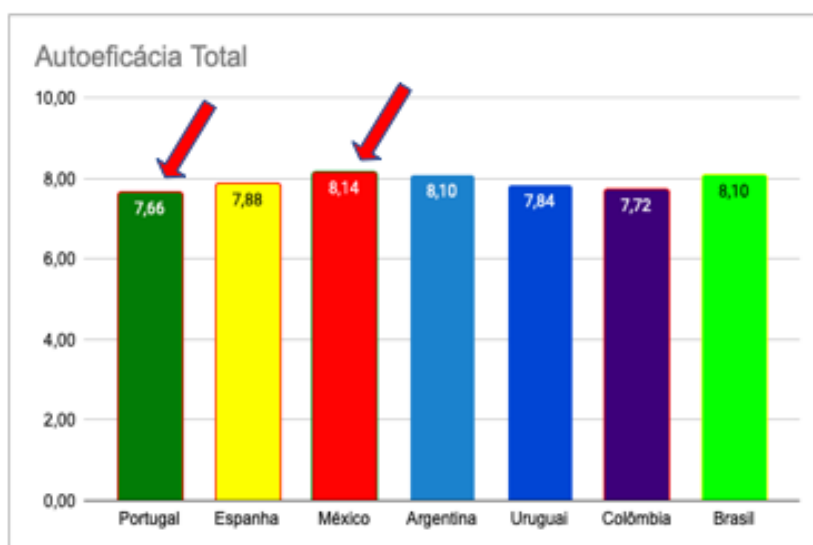
Para além destes dados, foi possível comparar quais as metodologias mais utilizadas por país. Em geral, há uma predominância de metodologias cognitivistas, sendo Portugal a exceção, onde a metodologia condutista é a mais comum (Figura 4).

Figura 4. As metodologias mais utilizadas por país.



O passo seguinte foi determinar em que país os profissionais se consideram mais auto-eficazes. Os dados revelaram que os profissionais do México são os que se percebem mais auto-eficazes, e são também os que mais utilizam metodologias cognitivistas. Por outro lado, em Portugal, verificou-se que os profissionais se percebem menos auto-eficazes e predominam as metodologias condutistas (Figura 5).

Figura 5. A percepção de autoeficácia por país.



A ciência indica que as pessoas com um elevado sentido de autoeficácia tendem a visualizar-se em situações de sucesso, o que se traduz num impulso positivo para o seu desempenho (Schwarzer et al., 2000). Para além disso, estas pessoas tendem a ser mais autoconfiantes e a mostrar maior proatividade na resolução de tarefas (Peng & Mao, 2015). Em contrapartida, aqueles com um baixo sentido de autoeficácia

são mais suscetíveis de sofrer de depressão, ansiedade (Bandura, 1997) e de enfrentar dificuldades relacionadas com a disciplina e o comportamento dos alunos (Ortan et al., 2021). De acordo com os dados, é possível associar a percepção de autoeficácia docente às metodologias de ensino. No entanto, uma análise mais atenta revela uma discrepância entre o que é sugerido pela ciência, onde as metodologias construtivistas são consideradas mais benéficas tanto para os professores como para os alunos, e a prática observada na educação aquática, onde predominam as metodologias condutistas e cognitivistas.



Porque é que isto acontece? Adiantamos três possibilidades:

- O modelo de formação profissional, que continua a centrar-se na aprendizagem dos padrões de natação formal.
- A falta de estudos específicos sobre o meio aquático.
- A ênfase na sobrevivência que favorece uma aprendizagem do tipo estímulo-resposta.



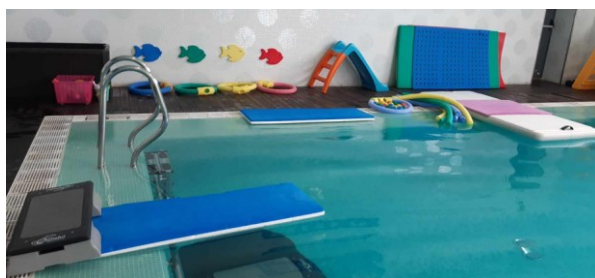
Para manter a motivação para aprender, é fundamental que cada pessoa se sinta competente, autónoma e conectada com os outros. Durante a primeira infância, a principal procura é um sentimento de amor e segurança.



CARACTERÍSTICAS DO CONTEXTO FAVORÁVEIS À APRENDIZAGEM

É o momento de abordar a questão de como podemos criar um ambiente de aprendizagem saudável e centrado no aluno durante as primeiras etapas do desenvolvimento. Antes de mais, é crucial manter uma mente aberta e estar disposto a ser flexível em todos os momentos, optando por uma metodologia centrada no aluno. Neste sentido, destacamos o [MAC \(Método Aquático Compreensivo\)](#), uma metodologia validada cientificamente e apoiada na abordagem construtivista, que acrescenta valor na construção de conhecimentos, na percepção de autoeficácia e nos níveis motivacionais do praticante. Entre algumas das principais características para gerar um ambiente favorável à aprendizagem, destacamos as seguintes: jogo, exploração e tempo, vínculo, presença e imitação, socialização e diversidade.

O jogo. É uma ferramenta poderosa para explorar, apresentar problemas e despertar sensações. Pode ser integrado na sessão através de circuitos motores que ofereçam oportunidades de estímulo, espaços organizados por estações destinadas a diferentes competências ou comportamentos, e momentos de exploração livre para compreender as motivações e os perfis dos alunos. É essencial criar ambientes que despertem a curiosidade e utilizar a perspetiva da criança para adaptar as atividades ao seu estadio de desenvolvimento, respeitando a forma como ela percebe o ambiente. Exemplos: utilizar a água e o espaço envolvente para promover atividades como entrar e sair da água, atravessar túneis, manipular materiais com texturas variadas, equilibrar-se em superfícies estáveis e instáveis e explorar diferentes profundidades.



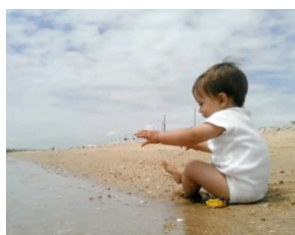
Exploração e tempo. É importante permitir que as crianças explorem com supervisão e presença de um adulto. É igualmente benéfico proporcionar tempo para observar outras crianças, o que pode ser facilitado por grupos heterogêneos que representem a diversidade da sociedade. Cada criança é única e o nosso objetivo não é compará-las, mas sim adaptar as

atividades aos seus interesses e necessidades individuais.

Vinculação, presença e imitação. A presença de um adulto de referência no programa aquático é fundamental para gerar segurança e facilitar a exploração e a imitação. A vinculação e a confiança que se estabelecem permitem que as crianças se sintam validadas e seguras para experimentar uma variedade de emoções enquanto aprendem.



Socialização. É importante criar momentos de proximidade e socialização entre crianças e adultos durante as aulas. Estes momentos favorecem a construção de uma comunidade onde as famílias se conectam através da água, promovendo assim a aprendizagem e a diversão em conjunto. Exemplos: Canções, rodas de conversa, momentos de convívio, materiais que incentivem a partilha e jogos cooperativos.



Diversidade. A diversidade de experiências é essencial para sensibilizar para as necessidades e especificidades de cada meio aquático, bem como para valorizar a importância da natureza. Sugere-se a realização de atividades em diferentes contextos aquáticos ou a incorporação de elementos que representem a diversidade nas sessões de piscina.

“

É fundamental recordar que o principal objetivo destas práticas é criar momentos memoráveis que perdurem no tempo e que estes passos iniciais são apenas o começo de um percurso de aprendizagem significativo.

”

CONCLUSÃO

As nossas ações têm um impacto significativo na infância de cada um dos nossos alunos e das suas famílias. Por este motivo, é importante prestar atenção à qualidade da nossa intervenção, pois esta perdura no tempo, influencia a relação com o meio aquático e pode afetar positiva ou negativamente o nível de segurança pessoal em ambientes aquáticos.

A percepção de autoeficácia é um ponto de referência fundamental, e as metodologias que utilizamos mais frequentemente influenciam a nossa motivação e percepção. Cada um de nós tem um impacto na vida das crianças e das famílias, o que reforça a importância social vital de nos preocuparmos com o que fazemos com excelência.

REFERÊNCIAS

- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of Control*. New York: Freeman.
- Castañón-Rubio, I., De Paula, L., & Moreno-Murcia, J. A. (2022). Desarrollo y pruebas psicométricas de una escala estandarizada de autoinforme para evaluar el método acuático comprensivo en educadores acuáticos. *RIAA. Revista de Investigación en Actividades Acuáticas*, 6(12), 68-77. <https://doi.org/10.21134/riaa.v6i12.1970>
- Dellinger, A. B., Bobbett, J. J., Olivier, D. F., & Ellett, C. D. (2008). Measuring teachers' self- efficacy beliefs: Development and use of the TEBS-Self. *Teaching & Teacher Education*, 24(3), 751-766. <http://dx.doi.org/10.1016/j.tate.2007.02.010>
- Emmanouel, C., Zervas, Y., & Vagenas, G. (1992). Effects of four physical education teaching methods on development of motor skill, self-concept, and social attitudes of fifth-grade children. *Perceptual and Motor Skills*, 74, 1151-1167. <https://doi.org/10.2466/pms.1992.74.3c.1151>
- Fonseca-Pinto, R. & Moreno-Murcia, J. A. (2023a). Towards a Globalised Vision of Aquatic Competence. *International Journal of Aquatic Research and Education*, 14(1), Article 11. Available at: <https://scholarworks.bgsu.edu/ijare/vol14/iss1/11>
- Fonseca-Pinto, R. & Moreno-Murcia, J. A. (2023b). Hacia una implicación activa del alumno en la adquisición de la competencia acuática. *AIDEA*. <http://asociacionaidea.com/recursos/recursos-pedagogicos>
- Hattie, J. A. C. (2003). *Teachers make a difference: What is the research evidence?* Paper presented at the Building Teacher Quality: What does the research tell us ACER Research Conference, Melbourne, Australia
- Leo, F., López-Gajardo, M., Gómez-Holgado, J., Ponce-Bordón, J., & Pulido, J. (2020). Metodologías de enseñanza-aprendizaje y su relación con la motivación e implicación del alumnado en las clases de Educación Física [Teaching-learning methodologies and its relation with students' motivation and engagement in Physical Education lessons]. *Cultura, Ciencia y Deporte*, 15(46), 495-506. <https://doi.org/10.12800/ccd.v15i46.1600>
- Moreno-Murcia, J. A. (2021). *Fundamentos y principios para una educación acuática*. Universidad Miguel Hernández.
- Mosston, M., & Ashworth, S. (2002). *Teaching physical education* (5th ed.). Boston: Benjamin Cummings.
- Ortan, F., Simut, C., & Simut, R. (2021). Self-Efficacy, Job Satisfaction and Teacher Well-Being in the K-12 Educational System. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(23), 1-32. <https://doi.org/10.3390/ijerph182312763>
- Peng, Y. & Mao, C. (2015). The Impact of Person–Job Fit on Job Satisfaction: The Mediator Role of Self Efficacy. *Social Indicators Research*, 121(3), 805–813. <http://dx.doi.org/10.1007/s11205-014-0659-x>
- Poulou, M., Reddy, L. A., & Dudek, C. M. (2019). Relation of teacher self-efficacy and classroom practices: A preliminary investigation. *School Psychology International*, 40(1), 25-48. <https://doi.org/10.1177/0143034318798045>
- Shahzad, K., & Naureen, S. (2017). Impact of Teacher Self-Efficacy on Secondary School Students Academic Achievement. *Journal of Education and Educational Development*, 4(1), 48-72.
- Schwarzer, R., Schmitz, G., & Tang, C. (2000). Teacher burnout in Hong Kong and Germany: A cross-cultural validation of the maslach burnout inventory. *Anxiety, Stress & Coping*, 13(3), 309-326. <https://doi.org/10.1080/10615800008549268>

Tschannen-Moran, M., & Woolfolk Hoy, A. (2001). Teacher efficacy: capturing an elusive construct. *Teaching and Teacher Education, 17*, 783-805.